

**A (RE)PRODUÇÃO DOS
SABERES: EDUCAÇÃO E A
CERÂMICA ARTESANAL DO
DISTRITO ADMINISTRATIVO
DE ICOARACI, BELÉM-PARÁ**

*THE (RE)PRODUCTION OF
KNOWLEDGE: EDUCATION AND
CRAFTSMANSHIP CERAMICS IN
THE ADMINISTRATIVE DISTRICT
OF ICOARACI, BELÉM-PARÁ*

*LA (RE)PRODUCCIÓN DE LOS
CONOCIMIENTOS: EDUCACIÓN Y
LA CERÁMICA ARTESANAL EN EL
DISTRITO ADMINISTRATIVO DE
ICOARACI, BELÉM-PARÁ*

João Victor Rocha Leão

Graduado em Licenciatura plena em
Geografia pela Universidade do Estado do
Pará. Mestrando pelo Programa de Pós-
Graduação em Geografia da Universidade
do Estado do Pará (PPGG/UEPA).

E-mail: leaojoavitor@gmail.com

Wanessa Viviane Paixão Farias

Graduada em Licenciatura plena em
Geografia pela Universidade do Estado do
Pará. Pesquisadora PCI do Museu Paraense
Emílio Goeldi (MPEG).

E-mail: wanessa.viviane20@gmail.com

Resumo:

Pensar em produções artesanais nos faz entrever a importância do fazer humano, a interpretação da natureza e a expressividade dos pensamentos. A materialização da pesquisa teve como lócus a Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso com suas bases no ensino interdisciplinar, pautando a formação dos educandos na valorização da relação sujeito-meio. Buscamos compreender a educação pautada em uma perspectiva voltada à transmissão de saberes tradicionais. Foram adotados como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico e trabalhos de campo exploratórios. Extraímos de seus preceitos, uma visão que relaciona favoravelmente a educação e a valorização cultural da arte, tendo a escola como soma dos saberes tradicionais e da relação experiencial com o espaço. Nesse cenário, em um viés geográfico, apontamos o lugar enquanto conceito fundamental para a análise da relação entre escola e comunidade, atuando como uma potência à manutenção do projeto e o seu caráter efetivo no sentido educacional. Em suas práticas, as oficinas guardam grandes potenciais educacionais mas encontram desafios diários em seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Cerâmica artesanal, saberes tradicionais, educação, lugar.

Abstract:

The research materialization had as its locus the Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso school, with its bases in interdisciplinary teaching, guiding the formation of students in the appreciation of the subject-environment relationship. We seek to understand education based on a perspective focused on the transmission of traditional knowledge. Bibliographic research and exploratory field work were adopted as methodological procedures. We extract from its precepts a vision that favorably relates education and the cultural appreciation of art, with the school as the sum of traditional knowledge and the experiential relationship with space. In this scenario, in a geographic bias, we point out the place as a fundamental concept for the analysis of the relationship between school and community, acting as a power to maintain the project and its effective character in the educational sense. In their practices, the workshops hold great educational potential but encounter daily challenges in their development.

Keywords: Craftsmanship ceramics, traditional knowledge, education, place

Resumen:

La materialización de la investigación tuvo como locus la Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso con sus bases en la enseñanza interdisciplinaria, orientando la formación de los estudiantes en la apreciación de la relación sujeto-ambiente. Tratamos de entender la educación desde la perspectiva de la transmisión de los conocimientos tradicionales. Como procedimientos metodológicos se adoptó la encuesta bibliográfica y el trabajo exploratorio de campo. De sus preceptos extraemos una visión que vincula favorablemente la educación y la apreciación cultural del arte, con la escuela como suma del saber tradicional y la relación vivencial con el espacio. En este escenario, con un sesgo geográfico, señalamos el lugar como concepto fundamental para el análisis de la relación entre escuela y comunidad, actuando como fuerza para mantener el proyecto y su carácter educativo efectivo. En sus prácticas, los talleres tienen un gran potencial educativo, pero encuentran retos diarios en su desarrollo.

Palabras-clave: Cerámica artesanal, saberes tradicionales, educación, lugar.

Introdução

Pensar em produções artesanais nos faz entrever a importância do fazer humano, a interpretação da natureza e na expressividade dos pensamentos. Compreendendo o artesanato enquanto uma prática constituída socialmente, trilharemos aqui sobre suas ideias e construções envoltas à educação.

Raywen Ford (1999) percebe a importância do artesanato e do seu papel para a formação crítica e análise constitutiva das crianças do ensino formal básico, tendo como visão o sistema educacional de Londres na última década do século XX, sendo esse o início da discussão acerca da importância de introduzir disciplinas voltadas às artes enquanto obrigatórias para a formação infantil naquela cidade, tendo sua importância pautada na socialização e criação de noção de valor dos objetos feitos artesanalmente, defendendo um currículo escolar que valorizasse todas as inteligências e expressões (FORD, 1999).

No Brasil, culturalmente rico em expressões artesanais, o ensino formal do artesanato se apresentou de diferentes formas, desde os aparatos da Revolução Industrial e ideal envolto ao trabalho artesanal, sendo registrado em decreto no ano de 1966, no estado de São Paulo, onde foi denominado como Trabalhos Manuais e Economia Doméstica (SANTOS, 2016). Anos após, mesmo com novas preocupações de níveis nacionais e rumando a uma valorização do patrimônio cultural brasileiro o debate busca uma melhor inserção no currículo escolar, valorizando as habilidades e

os procedimentos das técnicas de produção artesanal, além de inserir debates acerca da profissão de artesão (SANTOS, 2016).

Cristina Cavallo e Esther Hermes Luck (2022) se pautam na aprendizagem criativa de Mitchel Resnick, para nos transmitir o olhar que pense na educação a partir da construção de algo carregado de significado, de sentido e com conexão direta ao educando, sendo ele um ser carregado de vivências externas, gerando assim, um processo de aprendizagem enriquecedor. Essa educação do fazer, quebra paradigmas da educação tradicional e enfoca a sua importância no processo (CAVALLO; LUCK, 2022).

Mas, voltamos aqui nossos olhares para a educação de crianças e jovens em uma realidade amazônica. No Distrito Administrativo de Icoaraci, administrado pelo município de Belém, mais precisamente no bairro do Paracuri, historicamente há nos pressupostos locais a reprodução artesanal da cerâmica marajoara.

Sendo, desde a sua formação, a extração do barro para diferentes usos, um fator econômico do local devido às abundantes reservas do material nas suas imediações. É então nessa realidade que se deu início a formação de uma cadeia de artesãos, que há décadas formam e reforçam o poder da identidade cultural “pois atualmente combina traços da história indígena regional com inovação artística, fruto da originalidade criativa do artesão do Polo Ceramista de Icoaraci” (VIEIRA; ALVES; PONTES, 2016, p. 01).

Pensamos assim na importância dos saberes tradicionais e na forma de transmissão desse modo de vida, pautado na criação artística e na reprodução de saberes materiais e imateriais, destarte, “por meio desse processo os artesãos expressam uma reflexão do mundo, constituída por uma sensibilidade,

conhecimento das técnicas e pelas relações sociais estabelecidas na produção” (TAVARES; FIGUEIREDO, 2012, p. 106).

Assim, traçando o olhar geográfico à análise e a pesquisa, nos pautamos na importância do lugar, conceito presente entre a constelação de categorias da Geografia. Buscamos com o conceito, compreender as nuances que nos pautam ao pertencimento e à identidade, sendo o lugar, o espaço dotado de percepções, experiências e valores e aqui o compreenderemos enquanto uma possibilidade para a apreensão da realidade. Considerando que os lugares do cotidiano são dotados de sentido e comportam diversas dimensões para a interpretação e o entendimento espacial (TUAN, 1983).

A materialização da pesquisa teve como lócus a Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, localizada no bairro da Ponta Grossa, pertencente ao Distrito Administrativo de Icoaraci. Vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SEMEC - Belém), a escola tem suas bases no ensino interdisciplinar, pautando a formação dos educandos na valorização da relação sujeito-meio, promovendo diversas atividades que encontram na cultura local a sua questão de partida, dentre elas, as atividades voltadas para a produção artesanal da cerâmica.

As características aqui descritas, aos nossos olhares encontram-se atravessadas pelo pensamento da (re)produção, pois, iniciamos uma busca pela análise do que acreditamos estar envolto da reprodução e da produção. Assim, ao mesmo tempo que algo é reproduzido por meio de uma ação, implica naturalmente na produção de novas possibilidades a partir do seu ponto inicial.

Diante do exposto, surge o questionamento acerca de quais seriam as relações entre o ensino da produção artesanal de cerâmica, a afirmação dos saberes tradicionais e a relação com o lugar?

Em uma primeira parte abordamos a respeito do histórico da cerâmica artesanal e sua trajetória rumo ao Distrito Administrativo de Icoaraci e a importância desse saber tradicional para a cultura local. Em um segundo momento compreendemos o conceito lugar, presente na constelação geográfica de nossa ciência como fator potencial para a análise da abordagem metodológica das oficinas.

Em nossa terceira parte vislumbramos as minúcias de materialização das oficinas de cerâmica artesanal ministradas pelos profissionais da educação da Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso e sua abordagem em meio a Comunidade do Paracuri.

Objetivos

Partindo da problemática apresentada, a pesquisa busca compreender a educação pautada em uma perspectiva voltada à transmissão de saberes tradicionais, materializados pelas oficinas de produção da cerâmica artesanal.

Como objetivos específicos buscamos: 1. debater a respeito dos saberes tradicionais, 2. entender o conceito de lugar como potencial ao fortalecimento dessa educação aqui relatada, 3. alcançar a relação entre educação e transmissão de saberes tradicionais e 4. vislumbrar uma análise a respeito das oficinas do

Liceu escola e sua possível efetivação enquanto fortalecedora da cultura do Distrito Administrativo de Icoaraci.

Procedimentos metodológicos

Foram adotados como procedimentos metodológicos os seguintes passos: o levantamento bibliográfico, voltado para o aprofundamento teórico das principais discussões a respeito do tema proposto na pesquisa, como o estudo da educação, os debates referentes à transmissão dos saberes tradicionais e os levantamentos a respeito do conceito de lugar.

Foram realizados trabalhos de campo exploratórios na bairro da Ponta Grossa, na Feira de Artesanato do Paracuri, na Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso e participações em suas atividades voltadas ao ensino da produção de cerâmica, com o objetivo de traçar o relato narrativo e vivenciar a realidade que desejávamos alcançar.

Lacoste (2017) entende a importância da exploração em lócus por parte dos geógrafos, apontando caminhos possíveis que partem de um conhecimento local a uma necessidade de respostas maiores que encontram na pesquisa de campo suas bases:

o trabalho de campo para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais as amplas. (LACOSTE, 2017, p. 91).

A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, atenta à relação do lugar e em particular às implicações da produção artesanal da cerâmica para o sentido de lugar e fomentação de sua transmissão por meio do saber tradicional. Para Prodanov e Freitas (2013):

a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

A abordagem qualitativa obedece a fatores de análises sequenciais, pois:

depende de muitos fatores, como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Podemos, entretanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a sua categorização, sua interpretação e a redação do relatório (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 113).

O estudo conta com dados primários obtidos em campo através de diálogos com os estudantes e professores por meio de conversas informais e formais, onde houve a aplicação de entrevistas estruturadas e semiestruturadas descritas na íntegra com os nomes reais de seus entrevistados com base em suas autorizações prévias. Destaca-se a compreensão da trajetória dos sujeitos para engendrar uma análise crível da realidade vivenciada. Nesse sentido, a pesquisa buscou ser participante, pois o resultado

conta com a interação e vivência entre pesquisador e membros pesquisados.

Assim, partindo das questões norteadoras, a pesquisa desenvolveu-se de forma cronológica, onde o estudo/análise foi feito em etapas que se complementam e interagem entre si, na perspectiva de organizar as fontes para coleta de dados e para o exercício de análise.

Resultados

Nos anos iniciais da formação da criança, a escola se apresenta como um meio de socialização e formação, junto com o arcabouço familiar, fazendo parte da concepção que fundamentará a visão de mundo da criança e sua vivência prolongada enquanto cidadão (CALLAI, 2005).

Sendo essa naturalmente uma preocupação da Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, onde os desenvolvimentos de diferentes oficinas de ensino formam o seu componente curricular, compreendendo a importância do contexto social de inserção da criança para a sua formação enquanto cidadão, sendo essa materialização no currículo escolar por meio das oficinas de música, dança, pintura e artesanato constituindo o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) (COSTA, 2017).

Fundada em 1996, visando dentro da rede pública de Belém o projeto de “Sistema de Educação para um Desenvolvimento Sustentável”, a escola nasceu voltada a atender os filhos dos oleiros do Distrito Administrativo de Icoaraci, visando fomentar os processos de auto sustentabilidade, autoconhecimento

e desenvolvimento da população, com base em uma educação libertadora na sua gestão administrativa e educacional, tendo como objetivo “promover a educação como processo democrático que possibilite o despertar da consciência crítica e reflexiva acerca dos problemas econômicos, políticos e culturais da sociedade” (COSTA, 2017, p. 53).

O Liceu é ainda composto pelo Núcleo de Artes Lais Aderne, prédio anexo composto por salas equipadas e destinadas às diferentes necessidades do ensino, responsável por abrigar as oficinas promovidas pela escola, local onde o seu projeto pedagógico ganha vida. Seus usos se dão na promoção da educação integral proposta no PPP e na criação da relação entre escola e comunidade.

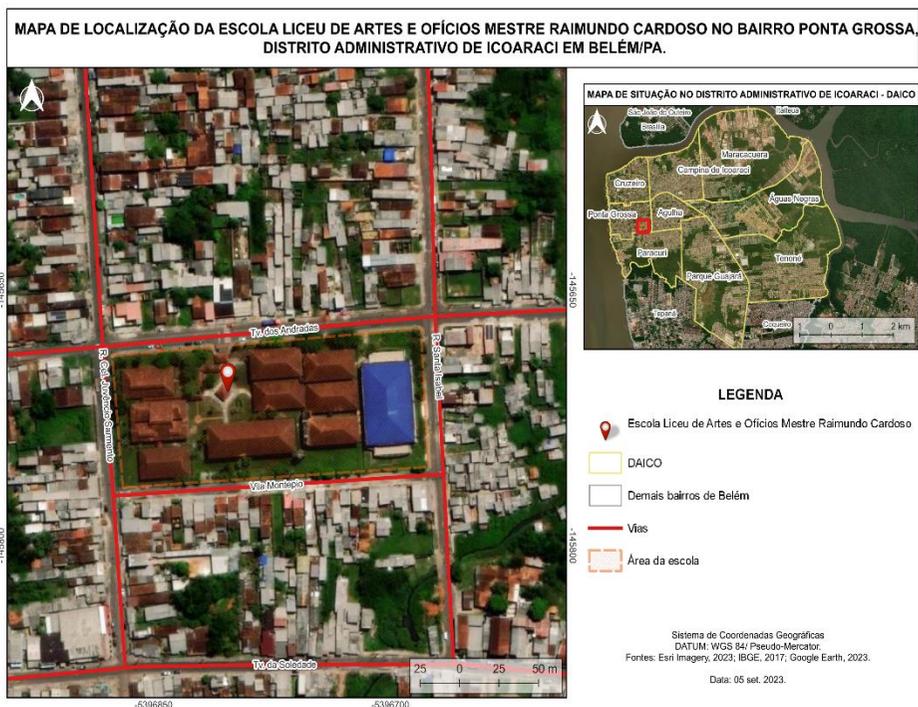
As oficinas pautadas em um projeto interdisciplinar envolto pela arte e educação como soma de forças para a formação cidadã e que pretendem “ampliar o conhecimento sobre argila e suas possibilidades” (COSTA, 2017, p. 56) se nomeiam por expressão gráfica e modelagem em argila, beneficiamento de argila, decoração em cerâmica, educação ambiental, educação patrimonial e educação alimentar.

A busca pela valorização da identidade local pode ser identificada no nome dado à escola, o qual homenageia o mestre ceramista Raimundo Saraiva Cardoso, importante estudioso da arte ceramista indígena da Amazônia e propagador da aplicação das técnicas tradicionais a partir de seus estudos em suas réplicas conhecidas pelo rigor e pelo cuidado com o material (COSTA, 2017).

O entrelace que aqui deve ser explicado remonta ao entendimento espacial da escola. Apesar de localizada no bairro da Ponta Grossa (Figura 1), o processo de construção e efetivação do

projeto escolar teve como guia os preceitos da Comunidade do Paracuri. Esta, por sua vez é formada por oleiros com tradição familiar que há anos firmaram ali sua morada e seu local de trabalho. A escola encontra-se assentada nos limites entre os dois bairros (bairro do Paracuri e bairro da Ponta Grossa), no entanto, quando referenciada, a escola é entendida pela população e pelos profissionais da educação enquanto pertencente ao bairro do Paracuri, sentido esse que nos liga a um saber locacional. Em busca de uma compreensão mais clara, trataremos a respeito do assunto entendendo a escola enquanto localizada na Comunidade do Paracuri.

Figura 1: Localização da Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso



Fonte: Autores (org.), 2023.

Os rumos da pesquisa se deram em diálogos e visitas à escola, contando com o total apoio do corpo docente e administrativo. Sendo assim, analisando o debate frente à fundamentação teórica e somadas às experiências em lócus, fizemos por escolha a divisão de três caminhos possíveis para a compressão do debate.

A cerâmica artesanal e os saberes tradicionais

Pensar o artesanato na Amazônia, uma região historicamente formada por diferentes povos e culturas com expressões de sua arte materializadas de formas diversas nos abre um leque de possibilidades frente a realidade.

O artesanal em si pode ser compreendido em sua visão voltada ao extrativismo, da pesca a coleta de insumos da floresta, cabendo a uma realidade econômica específica de uma comunidade da floresta. No entanto, pensando em expressões artísticas, Marcia Bezerra (2020) aponta a importância do artesanato produzido na Amazônia e seu reconhecimento científico internacional enquanto à soma de conhecimentos pré-coloniais diversos. De pinturas rupestres encontradas no município de Monte Alegre às peças de cerâmicas marajoara, o passado artesão da Amazônia codifica um saber, nos apresenta uma forma de ver o mundo, nos faz refletir sobre o passado e configura sua importância no presente como um saber para nossa civilização contemporânea (BEZERRA, 2020). O debate proposto versa a respeito do uso da indumentária e do arcabouço do conhecimento tradicional na contemporaneidade, onde

o mundo material busca ter parte desse conhecimento e se utiliza de réplicas artesanais trabalhadas para os usos científicos, museólogos e comerciais.

O Distrito Administrativo de Icoaraci neste quadro, aparece na iconografia das referências do artesanato de origem marajoara na Amazônia. A prática da olaria no Distrito é de origem antiga, o trabalho com a argila se configura como uma característica fundamental da comunidade do bairro do Paracuri desenvolvendo telhas e cerâmicas utilitárias de uso diário.

Nas primeiras décadas do século XX a arte marajoara entra nos circuitos internacionais de museus com suas peças originais expostas a pequenos públicos academicistas e adeptos da ciência e com pensamento moldado pelo estilo europeu de arte. No entanto, em meados da década de 1960 com o olhar voltado para a valorização internacional da arte ceramista marajoara fruto de uma cultura científica, dois mestres se destacam na produção das cerâmicas marajoaras com o uso dos grafismos, sendo eles, o Mestre Cardoso e o Mestre Cabeludo (FRADE, 2003; BEZERRA, 2020).

O trabalho dos mestres com significados avanços neste período contou com o apoio do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e com a abertura do seu acervo para que o entendimento da preservação da arte não se encontrasse apenas em suas coleções originais, mas enquanto contato, enquanto saber vivo, feito e refeito pelas mãos dos ceramistas (FRADE, 2003).

Assim, Mestre Cardoso avançou com as representações, ganhando notoriedade internacional e espaços em museus com suas réplicas, tendo em vista as condições em que as peças originais são encontradas devido às condições climáticas da região que

desfavorecem a preservação, elevando sua arte ao rigor científico servindo a pesquisadores devido aos seus estudos.

O movimento com raízes em Mestre Cardoso na elaboração das réplicas incorporou na comunidade oleira do Paracuri a necessidade de introdução do conhecimento da arte tradicional apreendida. Mestre Cabeludo parte da cerâmica utilitária, das indumentárias produzidas para o dia a dia e insere nelas o rigor do grafismo presente nas peças originais marajoaras, agora já replicadas e mais acessíveis. São vasos, jarros, vasilhas e copos com detalhes rigorosos próprios dos grafismos das peças de cerâmica originais. Tal fenômeno coincide com o aumento do turismo na região amazônica, tornando a produção do Paracuri referência em arte marajoara (FRADE, 2003).

Os dois mestres seguiram rumos diferentes na concepção da arte da cerâmica, Mestre Cardoso seguiu os caminhos da replicação, recriando peças a níveis importantes e com valor significativo para o estudo acadêmico da arte marajoara. Seguindo outro rumo, também trabalhando na valorização da arte e do artesão, Mestre Cabeludo criou novos estilos partindo das características dos desenhos marajoaras originais, marcando a importância do seu trabalho e da comunidade do Paracuri. (FRADE, 2003).

O que nos permeia nesta busca nos faz avançar aos rumos dos saberes tradicionais aqui relatados nos trabalhos fundadores dos mestres oleiros do Paracuri. Nesse caminhar, P. Justino Sarmiento Rezende (2013) traça a forma com que nossos saberes amazônicos são entendidos ao longo da história de nossa colonização. Após o contato forçado, os que aqui estavam são

desconsiderados enquanto seres humanos construindo um viés de descrença sobre o direito à vida e aos próprios saberes (REZENDE, 2013).

Mesmo em dias atuais, boa parte do que entendemos como saber tradicional para a sociedade atravessa o campo do contemplativo, entendidos como a raiz de um povo, a identidade de uma terra. Mas quando pensamos no sentido prático, na vida usual, boa parte desse pensamento é desconsiderado dentro de um viés muitas vezes político. Havendo assim, uma maior valorização à rigor científico dentro das academias, onde, infelizmente boa parte dos detentores são entendidos enquanto sujeitos a serem pesquisados e não agentes da sua própria história.

Rezende (2013) explora a ideia dos saberes tradicionais a partir de sua vivência enquanto indígena do povo *Ītāpinopona-Tuyuka*. Para o autor, os saberes tradicionais fluem de quatro entendimentos. Seu primeiro ponto parte do entendimento das pessoas enquanto seres inteligentes, “são capazes de enxergar o mundo, de enxergar as pessoas, perceber os desafios históricos, sabem dar respostas para os desafios de cada momento histórico” (REZENDE, 2013, p. 202). Parte desse processo é o guia fundamental da prática de transmissão dos saberes, “falando-mostrando-fazendo” e aprendendo por meio do “ouvindo-vendo-fazendo” sem que haja a inferiorização de uma inteligência dentro de um quadro coletivo (REZENDE, 2013).

Em uma perspectiva geográfica baseada nas questões alavancadas, os saberes tradicionais compõem os preceitos da análise de ser e estar no mundo, aproximando a esse ponto a visão

humanística da Geografia, que versa sobre as experiências dos indivíduos e suas formas de viver no mundo.

O saber fazer da cerâmica está envolto por formas constituídas historicamente, transpassados através dos tempos em um conjunto de técnicas próprias de uma sociedade. Hoje, esses saberes, reforçados e aplicados visam a manutenção da história e de sua importância para a comunidade que o produz, são elevados ao nível escolar ganhando a força da classe educadora para o reforço de sua importância para as gerações em formação.

Em escala expansiva, sem desconsiderar a importância do fator econômico para quem o produz, esse saber ganha aspectos contemplativos como representante de um período histórico amazônico, sendo esse seu valor usual ao público consumidor.

O lugar como possibilidade

Em uma perspectiva geográfica da realidade, o lugar é o lar do íntimo, é o espaço encoberto pelas experiências boas ou ruins relacionadas ao vivido. Assim, analisar a sua importância para um parecer pessoal e enriquecedor dos aspectos do local é como o enxergamos como uma possibilidade para o avançar das nossas ideias propostas em debate.

Yi-Fu Tuan (1983) compreende os aspectos de lugar enquanto o diferencia do espaço, reconhecendo seus fatores usuais enquanto conceitos e termos comuns em nossa ciência. Em suas primeiras linhas, declara que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade” (TUAN, 1983, p. 03).

Tal quadro levará a análise crível a respeito do lugar e seu entendimento enquanto o lar, o bairro ou a cidade natal. Sendo o lugar, o espaço dotado de valor, experiência e significado, sendo também passível a se apresentar em diferentes escalas estando sempre apoiado na experiência, sendo de visão “o espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 14).

A palavra e o sentido de síntese para Tuan (1983) em relação ao lugar seria a perspectiva da experiência. Ela abrange o mundo exterior ao ser, contempla os sentimentos e amplia o eu, “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender” (TUAN, 1983, p. 10).

Em uma perspectiva de vida, o ser humano em sua fase adulta experiência uma vida já moldada pelos seus conhecimentos de espaço e lugar, mas como aponta Tuan (1983) todos iniciamos a trilha da vida como crianças. Assim:

com o tempo, do confuso e pequeno mundo infantil, surge a visão do mundo do adulto, subliminarmente também confusa, mas sustentada pelas estruturas da experiência e do conhecimento conceitual. Apesar de estarem as crianças, logo após o nascimento, sob influências culturais, os imperativos biológicos do crescimento impõem curvas crescentes de aprendizagem e compreensão que são semelhantes e podem, portanto, transcender a ênfase específica da cultura. (TUAN, 1983, p. 22).

O descobrir da vida de uma criança é retratado como um caminho percorrido pelo entendimento dos espaços através dos sentidos, vistas como nossas primeiras relações de contato com o mundo. O alimentar-se, o toque da mãe, os sons ao redor, as

primeiras imagens, formam sentidos e sensações de experiência na criança que formam uma vida.

A abordagem e o entendimento de lugar nesta fase ligam a criança a entender a mãe como o seu primeiro lugar, sendo ela o seu primeiro comportamento de afeto, refúgio e segurança. Com o evoluir da infância, a perspectiva de lugar passa a mirar objetos, condições mais materiais de visualização. Sua cadeira é vista como o seu lugar, nela há alimentos, satisfação, carinho e contato com a mãe, mas também frustração e tristeza por comer o que não lhe cai bem no paladar. Nos passos posteriores, a visualidade da criança evolui seu sentido de lugar, passa a ter curiosidade sobre nomes e espaços, entende a existência da sua casa no mundo e passa a associar pessoas a lugares (TUAN, 1983).

A visão geográfica de lugar se aproxima da criança quando suas respostas ganham características mais específicas, seu bairro, sua casa, seu quarto são estornados de sentidos de afetividade ou não, mas são lugares em um olhar geográfico. As descrições dos seus atos são mais detalhadas, seu desenvolvimento na escola evolui à medida em que seu olhar de mundo progride.

Em linhas evolutivas, esses são os primeiros passos do sentido de lugar em nossa primeira infância. Assim:

o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma estória (TUAN, 1983, p. 37).

Em outra obra, Tuan (1980) aborda o conceito de Topofilia como o estudo da percepção, o traço afetivo entre o ser e o lugar, uma carga experiencial pessoal do meio ambiente material. Mesmo

que sejamos seres sociáveis, competentes em dividir espaços, sendo essa uma de nossas características evolutivas enquanto espécie e fundamentais a nossos passos históricos de percepção do meio ambiente, somos primorosos em experiências pessoais formadoras de mundos pessoais inteiros, sendo nossa carga de vivência o coeficiente fundamental de nossa percepção (TUAN, 1980).

A Topofilia pode não ser em muitas situações a maior sensação humana, vários são os indivíduos que negam, indeferem ao seu meio que moldam suas vidas. Mas quando utilizada de forma emocional é reveladora das sensações potenciais dos lugares, traçando a subjetividade humana em seu poder de experiência. A cultura é ressaltada como ponto fundamental ao debate pois ela abarca a carga histórica fundamental da formação da visão de mundo do ser, contornando sua prática de vida em uma experiência completa com o meio ambiente, levando a frente seu modo de vida (TUAN, 1980).

Erika Moreira e Rosângela Hespanhol (2007) apreende o lugar em um contexto de análise dos bairros rurais e sua formação enquanto comunidade singular em meio a homogeneidade da revolução técnico científica, formulando a oposição da globalização e fundamentando a manutenção do particular mesmo nos dias atuais.

Em sua análise, o lugar é não apenas a soma de todos os objetos, um acúmulo do que já se foi feito ou vivido, mas sim um conjunto de relações que mesmo opostas, se complementam, vivendo em sentido em que há existência de pares dialéticos “o novo e o velho, o tradicional e o moderno, o exógeno e o endógeno, enfim,

as mudanças e as permanências” (MOREIRA; HESPANHO, 2007, p. 49).

Moreira e Hespanhol (2007) em suas linhas de análise do lugar, constroem caminhos para o seu entendimento enquanto um espaço fundamentalmente social, composto por ações de atores e de trocas, versando sobre as influências não apenas internas, mas externas, reconhecendo que o sujeito que vivencia o lugar está presente no mundo.

Ideia perpassada por Ana Fani Alessandri Carlos (2007) que busca compreender se há ainda singularidade em um mundo exposto pela globalização. Seu ponto compreende os lugares escorados e apropriados pelo sentido das práticas cotidianas, o desenvolvimento da vida como tecido formador do lugar, assim, explana que “as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

Pensando no lugar em um sentido cotidiano da vida, Carlos (2007) alavanca exemplos como o bairro, a comunidade, a praça, a rua e a casa. Porções do espaço vivido onde se compreende que a experiência de lugar se efetiva. São relações de vizinhança, de usos, convívios, modificações e aprendizados que são vividas pelo corpo e criam relações de afetividade ou de aversão (CARLOS, 2007).

O caminho no entendimento do lugar na obra da autora perpassa por entender o seu sentido relacional, cada experiência, cada conjunto de sentidos formam uma noção de lugar em um ser. Cada questão em nosso convívio com um conjunto de espaços

específicos cria sensações diferentes de lugar. Assim, “o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso” (CARLOS, 2007, p. 18).

A compreensão do lugar trilhada a esse quesito, nos apresenta um conceito formado por uma construção social relacional, constituído por uma rede de significados, habitat do plano do vivido, do conhecido e reconhecido.

Em busca de uma análise a primor dos nossos estudos propiciados pela pesquisa, entendemos a Comunidade do Paracuri, a Escola Liceu como lugares formados e de potencial transmissão de afetividade através da identidade ceramista constituída ao longo da história.

Em pontos locacionais formais, a Escola Liceu está localizada no bairro da Ponta Grossa vizinho ao bairro do Paracuri. No entanto, no entendimento dos profissionais da educação e da comunidade, a escola está localizada no bairro do Paracuri, ou como tratamos aqui, a Comunidade do Paracuri, como já ressaltado. Há nesse cenário o peso do projeto escolar, originalmente construído juntamente à população e com foco central ao entendimento do ensino formal das crianças e adolescentes em fase escolar.

A moção da escola de um local a outro em um cenário identitário, acima de um erro ou em visões severas vista como uma ignorância, revela um quadro construído socialmente a partir da vivência com o espaço. O lugar emerge da experiência relacional por meio da afetividade entre comunidade e escola.

A escola emerge na comunidade como questão central a seu atendimento, ela garante a formação das futuras gerações em um

sentido formal conforme exige os currículos que nos regem e constitui um cenário cultural em que a cerâmica aparece como protagonista em um dia a dia escolar.

As oficinas se apresentam enquanto fortalecedoras da identidade cultural presente na comunidade, valorizada dentro dessa realidade. Levadas ao ensino institucional, as oficinas contam como uma formação a ser apreendida pelos filhos da comunidade. Formando vivências únicas com o espaço escolar e em comunidade, dando um novo olhar para um trabalho que muitas vezes visto em casa, ganha novo sentido na escola com a presença dos mestres e dos colegas.

Mesmo que o trabalho seja feito com gerações que comumente não valorizam o trabalho em sentidos mais usuais, a busca pelo sentimento de valorização cultural e histórica está presente no que Tuan (1980) chamou de Topofilia, sendo esse sentimento assiduamente buscado pelas oficinas.

O trabalho que é feito com jovens e adolescentes também deve ser um ponto a ser ressaltado, pois, a relação com o espaço em um sentido de lugar, conta também com a relação temporal. Muitas vezes o sentimento de pertencimento ocorre já na vida adulta, sendo ele resultado de um contínuo acréscimo de sentimento (Tuan, 1983).

Por abranger a vida cotidiana em um sentido experiencial, compreendemos aqui o lugar enquanto uma possibilidade de fomento a valorização da arte ceramista e importante condutor para formação das crianças e dos adolescentes nas oficinas em que a arte ceramista se apresenta como quesito comum entre comunidade e escola. “[...] O lugar enquanto construção social, abre a perspectiva

para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço” (CARLOS, 2007, p. 22).

Pondo a frente um arcabouço histórico, entendendo a arte ceramista enquanto um ponto de fluxo, pois sua dinâmica é horizontal, não teve início nesta geração e nem tem preceitos de findar-se nela. Seu uso abraça gerações que dela dependem e que nela visualizam um projeto de futuro.

Helena Copetti Callai (2010) nos vangloria no debate ao destacar a importância do cotidiano e do contexto escolar para o ensino e aprendizagem, buscando na formação locacional o fundamento para a formação cidadã. Tais fatores contextuais levam em consideração:

tudo aquilo que diz respeito à vida dos alunos e das pessoas com quem convive; é o seu cotidiano. Isso tudo configura a cultura que emerge deste contexto e que permite que as pessoas tenham os elementos para construir sua identidade e pertencimento (CALLAI, 2010, p. 26).

Em sua obra, as abordagens valorizam a educação dentro da disciplina de Geografia, no entanto, partindo de nossa realidade, busca-se enxergar a análise geográfica dentro das oficinas propostas pela escola, em assuntos que rumam ao pensamento extrativa, devido a origem da argila, a economia, devido ao feito turístico do distrito e a análise cultural. Assim:

o estudo do lugar pode ser o tema para iniciar a reflexão sobre o aprender geografia e o tratamento do cotidiano incorporado na pauta de conhecimentos a serem abordados na escola revela a ligação que cada um (aluno) tem com seu mundo (CALLAI, 2010, p. 25).

Nesse cenário, a importância de se trabalhar o lugar em perspectiva vivencial, é o fomento para que a arte ceramista permaneça viva naqueles que hoje a apreendem e permaneça em relevância para um futuro usual da arte, carregando consigo a história de um povo, o seio de nascença da comunidade e o trabalho fomentado pela escola.

A educação e a cerâmica artesanal na Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso

A educação em um sentido tradicional, nos remete a uma realidade em que professores falam e educandos ouvem. Esse cenário por anos pareceu ser o certo em uma visão de mundo onde a educação permeia a ideia em que se necessita preencher uma série de fatores comuns que valorizam apenas um sentido de aprendizado.

Teóricos da educação vem há anos elaborando ideias a respeito dos seus entendimentos do que seriam os preceitos educacionais mais possíveis de serem aplicados às realidades quando pensamos em uma educação mais favorável e acessível.

A teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel nasce a partir de um contexto dos anos 1950 em que as teorias educativas se baseavam no paradigma condutista, criticada por se pautar no objetivismo e no positivismo, encadeando um processo de resgate do pensar humano desvalorizado por essa corrente até então predominante. As respostas vindas de diferentes teóricos em uma onda coletiva passam a avançar o debate a respeito dos simbolismos para a compreensão de uma realidade educacional. A

nova vertente, o cognitivismo, tem em David Ausubel um dos seus principais representantes (FRAZZON, 1999).

Na década de 1960, Ausubel inaugura em sua obra a teoria da Aprendizagem Significativa partindo do estabelecimento do processo de aprendizagem vinculado aos conhecimentos prévios do educando, levando como fonte os seus conhecimentos de vida e as suas visões de mundo como fatores valorosos ao estabelecimento da educação. A aprendizagem para ser significativa deve contar com os conteúdos já apreendidos pelo aluno e interagir metodologicamente na sua estrutura de conhecimentos dando assim significados e importância a nova aprendizagem. Assim, a sua efetivação “pode ser alcançada pelo envolvimento do aluno na recepção ou descoberta do conhecimento” (FRAZZON, 1999, p. 11 - 12).

Ausubel entende que alguns preceitos mais específicos, em um processo de organização, apegam-se a conceitos mais gerais a qual o educando teve acesso por meio do seu processo de vida, formando uma estrutura cognitiva hierárquica de conhecimento, representando a cadeia experiencial do aluno (MOREIRA, 1995).

As oficinas formadas na escola desde a sua fundação atuam no sentido em que reconhecem os conhecimentos prévios dos educandos, neles existentes por meio da tradição familiar ou/e pelo reconhecimento da tradição ceramista do Distrito Administrativo de Icoaraci.

Nas falas do mestre ceramista Carlos Pantoja, a metodologia das oficinas atende a um processo de conhecimento cultural e foca no educando como ponto final do processo de aprendizagem, entendendo que:

a importância é que o aluno, como ele mora nessa localidade ele tenha esse conhecimento dessa cultura, porque um dia, ele pode ficar aqui ou se ele vier a viajar, morar em outro estado, se alguém perguntar pra ele, ele “não, eu estudei em uma escola, eu tenho toda essa base do conhecimento da cerâmica...” mesmo que ele não trabalhe, é esse o objetivo da escola, o projeto, nós não vamos formar ceramistas, mas nós vamos passar o conhecimento pra eles, dessa cultura, essa cultura vai ser sempre lembrada e renovada, porque o aluno sai da escola mas entra outros. Então essa cultura nunca vai morrer, ela vai ser sempre lembrada, então é esse pensamento e muitas pessoas não entenderam, porque pensaram que vai ter o núcleo de arte e pensavam que ia profissionalizar todo mundo, mas estavam esquecendo dessa continuidade da cultura, tanto que chegou um dia aqui na comunidade a proposta dessa escola e eu que sou daqui comecei a trabalhar... (PANTOJA, Trabalho de Campo, 2023).

A trajetória de mestre Pantoja se trilha junto com a escola por ser ele um dos seus mestres ceramistas mais antigos. Atuando com a cerâmica desde os seus 13 anos, iniciou na escola ainda em sua fundação no ano de 1995. Sua visão sobre o projeto é positiva em grande parte, pois acredita que o trabalho feito valorizou as necessidades da comunidade no período de sua formulação. Seu trabalho atualmente é voltado para as três fases da cerâmica, a marajoara, a tapajônica e a cerâmica Icoaraci:

eu faço uma relação muito teórica primeiro com eles e depois eles vão pra prática, o aluno vai ter esse conhecimento, vai ter esse experimento, ele vai limpar a argila, vai mexer com ela, vai pro tordo, vai fazer esse contato com o movimento da argila e fazer os objetos, muitos alunos, eles têm a facilidade de mexer e fazer os objetos, se fosse realmente ensinar eles a fazer a cerâmica eles aprendiam rapidinho... Apesar de ter muitos jovens eu vejo que ainda tem o interesse, eu vejo,

bato foto dos que se se destacam e assim se fosse trabalhar aquele aluno rapidinho ele ia pro profissionalizante... (PANTOJA, Trabalho de Campo, 2023).

Um dos fatores que fazem o mestre Pantoja vangloriar o projeto da escola Liceu relaciona a formação da Sociedade de Artesãos e Amigos de Icoaraci (SOAMI) que se deu juntamente a criação do projeto da escola, atualmente com cerca de cinquenta expositores e com seu espaço físico na orla do Distrito Administrativo de Icoaraci. A criação da associação e a fixação das oficinas no espaço escolar também geradoras de renda aos ceramistas são vistas pelo mestre como condições cruciais de valorização da sua arte e da cultura artesã.

Sua relação com o lugar também remonta a um aspecto de afetividade, visto que sua relação com a comunidade se dá por meio da experiência, seu lar foi por anos uma vila em frente ao terreno onde hoje existe a escola, viu o surgimento do projeto não apenas como mestre ceramista, mas como morador da comunidade. Em sua fala também encontramos a relação locacional da escola como referente ao bairro do Paracuri, “aqui ainda é conhecido como bairro do Paracuri, o bairro o nome é Ponta Grossa, mas dificilmente você vai ver alguém falando...” (Pantoja, Trabalho de Campo, 2023).

Um ato em sua fala remonta a um dos ideais comumente lembrados pelos mestres ceramistas e pelo corpo docente da escola, o fato de ela não profissionalizar os estudantes e sim ser uma fonte de saberes voltados a sua educação e formação enquanto cidadão. Esse pensamento a um primeiro olhar nos parece lógico quando lembramos que se tratam de crianças em idade escolar, no entanto,

parte do Núcleo de Artes atua em oficinas também voltadas à população em geral, sendo elas com o mesmo objetivo, sendo a não profissionalização um dos fatores de maior cobrança por parte da população.

Não nos cabe assim julgar tais ideias, visto que a escola está localizada na periferia de uma grande cidade, fazendo parte de um cenário onde o dia a dia muitas vezes se trata de luta e trabalho, o acesso à cultura a uma dada camada da população não é tido como prioridade mesmo que ela seja a fonte de muitas culturas valorizadas em versões elitizadas. A escola com seus diferenciais se apresenta a esses olhares como uma busca por melhoria de vida, um acesso maior a um conhecimento tido como profissionalizante.

Em um cenário muitas vezes idealizado, a proposta das oficinas vislumbra uma relação educacional em níveis de perfeição. No entanto, longe de romantizar o projeto, nos convém assim destacar os pontos nas falas do mestre Pantoja e do corpo docente que abordam o quadro real da concretização do projeto, os problemas diários de se valorizar uma vertente educacional não tradicional e com desafios mais específicos que os vividos em uma escola comum.

Mestre Pantoja chama a atenção para uma gama de alunos provenientes de famílias tradicionalmente oleiras que devido ao convívio com prática em casa, na escola demonstram certo desinteresse nos projetos das oficinas:

eu tenho observado tem uns dez anos os filhos de artesãos que nasceram ali dentro vendo a cerâmica, eles não tem muito interesse em ser artesão, não tem, já que o dia a dia deles é aquilo, já acordam vendo a cerâmica, então como eles não pretende, seguir aquilo, o interesse deles já é

menos perto daqueles que veem pela primeira vez... Até às vezes o próprio artesão eles já não incentivam tanto o filho e aí às vezes o filho já não quer, ele vê o pai ali tantos anos na batalha, no trabalho duro... Eu mesmo nunca vi artesão ficar rico, assim, dá pra viver bem dentro da tua localidade, mas a maioria dos artesões não tem um plano de saúde, não tem um carro, a maioria dos artesões não tem um nível superior, mas muitos não conseguem, eu devido a começar o projeto da escola tive que abrir o olho pra isso, mas a maioria não consegue... (PANTOJA, Trabalho de Campo, 2023).

Em sua fala vemos menções aos fatores de instabilidade da vida artesã e revela um cenário que confronta o propósito de formação da escola, apesar de não se propor a profissionalizar os alunos, o seu incentivo de valorização da cultura ceramista se debate com a falta de incentivo e o desinteresse das crianças.

Nesse cenário, o atual coordenador do Núcleo de Artes da escola, o professor Igor Cruz relata a mudança geracional a qual a escola passou nos últimos anos, os nativos digitais descritos por Marc Prensky, nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas formam novos desafios ao ambiente escolar, que envolvem a busca constante pelo interesse do aluno a assuntos que naturalmente e cada vez mais, estão sendo distanciados do seu modo de vida e do seu meio social, hoje muito mais pautado na internet (Pescador, 2010).

Em seu ponto de vista, o projeto fundamenta um marco na região Metropolitana de Belém por ser um dos únicos em uma escola pública da rede de ensino a pensar e se formar a partir de uma comunidade, valorizando a cultura local e os saberes tradicionais de um povo marginalizado e mercê das malícias dos

grandes problemas urbanos e que veem na educação uma pauta importante na sua luta diária por melhorias.

Sua experiência à frente do projeto remonta a prática dos desafios de sustentar tal abordagem. Os recursos por parte da SEMEC são poucos e a questão estrutural já é um dos grandes problemas. Atualmente desatualizada, a estrutura conta com equipamentos já não mais atuais quanto eram à época da formação da escola, o forno precisa ser modernizado e os espaços de uso diário necessitam de renovação. As salas não contam com climatização, apenas com ventiladores que por vezes geram pouco impacto frente ao verão amazônico com sensações térmicas aos 37°C.

Por vezes, o ponto de vista da coordenação e da direção, materializadas nas figuras do professor Igor Cruz e da professora Tayanne Costa respectivamente, entram em conflitos frente aos mestres oleiros, sendo em sua maioria a forma de instrumentação e de funcionamento do projeto. Para a administração, hoje o trabalho deve se dar em meio às aulas, como uma disciplina. Não sendo essa uma valorização efetiva na visão do mestre Pantoja, que acreditava na necessidade de maior tempo para a efetivação do projeto, hoje chama às oficinas de “atendimentos”, termo que vê mais adequado devido ao seu contato acelerado com as turmas:

então o coordenador pelo menos do Núcleo de Artes era pra ser um artesão porque pra ti gerenciar um negócio desse tem que ter um conhecimento... Mas isso aqui já funcionou muito muito bem, hoje em dia ele funciona mais como atendimento, antigamente funcionava como projeto, o coordenador chegava com os mestres e ouvia os mestres, trabalhava junto... O projeto aqui já foi feito na forma de oficinas, projetos junto com a escola e professor, hoje são mesmo os atendimentos, coordenador manda pra ti, hoje

você vai atender a 900, de tarde a 700, amanhã a 600, nunca vai focar um projeto, fica um trabalho aleatório, isso eu chamo de atendimento, não é um projeto, vem uma turma aqui, a gente atende dentro do período da aula e vem a próxima. Antes com o projeto tinha um planejamento, o que a gente vai fazer daqui a dois meses, três meses? Vinha no projeto, vinha com um cronograma.... Eu acho essa ideia de atendimento péssima, isso não contribui com nada, não consegue aprender muita coisa porque se eu atendo uma turma hoje, eu não sei quando vou atender de novo, posso atender até amanhã ou daqui a uma ou duas semanas (PANTOJA, Trabalho de Campo, 2023).

Do panorama da coordenação, o seguimento das oficinas no presente ano não se efetivou aos moldes antigos devido à falta de apresentação de um projeto por parte dos mestres ceramistas, pelos demais professores da escola e devido a fatores que necessitam do retorno dos educandos no contraturno, não ocorrendo na maioria dos casos por questões e lojistas familiares. Sendo assim, as oficinas se mantiveram em mais um semestre como parte das atividades comuns do currículo escolar, sendo mais uma de suas disciplinas.

O formato de “atendimento” para a coordenação também não se traduz como a efetivação ideal para o projeto da escola, no entanto em cenários políticos onde muitas vezes a educação não se manteve como motor prioritário para determinada realidade, o fato de permanecer como parte do currículo escolar afirma a sua importância e garante o contato do educando ao saber tradicional e a educação cultural valorizada pelo projeto escolar.

O choque de visões entre mestres e coordenação se transcreve assim na instrumentalização, pois os mestres com seus arcabouços e histórias de vida apreendem o processo de formação em tempos diferentes ao que se espera dentro de uma instituição,

que necessita responder aos parâmetros curriculares impostos. Ainda que o projeto recorra a questões que tomam por base feições de sua realidade de trabalho pelo uso dos materiais e pelos processos de contato com a argila, o tempo escola para os mestres se apresenta em fatores mais formais de educação.

Hoje os mestres são selecionados para atuar na escola por meio de processos seletivos simplificados (PSS) com validade de dois anos, mas com possibilidade de renovação. Suas atuações na escola se dão juntamente com seus trabalhos pessoais em suas olarias, visto que as duas atividades se somam para complementar suas rendas.

Nesse ponto, o professor Igor Cruz destaca a respeito de dois acontecimentos comuns nas atuações dos mestres. Nos períodos de inverno amazônico com rigorosas chuvas e tempo fechado, nos raros dias de sol, os mestres se dedicam à secagem das suas peças, não atuando nas oficinas nos dias em questão. Outro incidente decorre do uso comum dos fornos da escola para as atividades de trabalho extraescolar dos mestres, sobrecarregando o equipamento que como relatado já necessita de reparos.

A visão do mestre Pantoja é em grande parte otimista a respeito do trabalho da escola, vê as oficinas ainda como elo entre a comunidade e a escola, colocando o Paracuri no centro do enriquecimento cultural voltado à produção da cerâmica no Distrito Administrativo de Icoaraci.

A concepção por parte da coordenação e direção vislumbra o projeto em caráter valoroso, mesmo com os desafios de se responder e preencher as necessidades da comunidade, o fato de administrar o rico arcabouço cultural é gratificante. A escola atua com grandes

incentivos a arte, abrindo espaço para constantes projetos voltados à população, montando exposições artistas com os feitos dos alunos e buscando com empenho o trabalho coletivo em meio às dificuldades inegavelmente existentes.

O projeto realizado pelas oficinas em um ambiente escolar favorece ao aprendizado ao se apoiar no importante papel social que a escola efetua nos indivíduos como o importante primeiro passo de relações para além das concretudes familiares:

a escola é, nessa linha de entendimento, um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a Geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem. (CAVALCANTI, 2012, p. 45).

A educação em caráter significativo pensando a cerâmica como pilar, busca nesse projeto mesmo a severas penas, empenhar e armar a trajetória dos educandos com base em um saber tradicional geracional, efetivando assim o curso históricos de um conhecimento que pretende ser contínuo, recorrendo ao lugar como condição primordial, formando o seu significado experiencial.

Considerações finais

Os traçados da pesquisa se deram em diálogos e visitas à Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, contando com o apoio do corpo docente e administrativo, concretizando nossa crença, tendo em vista que a vivência com o espaço escolar se

transmutou em um agente fundamental a nossa análise enriquecedora ao debate proposto. Em nossa abordagem, entrevemos os princípios fundamentais do projeto, seus desafios práticos e sua efetivação dentro de uma realidade que o necessita e o transmuta.

Em uma rede educacional dentro da região metropolitana de Belém, o PPP da escola Liceu se inscreve como um dos únicos em seu formato no sistema público de ensino. Tais fatores diferenciais atuam como um par dialético, o projeto tanto é inovador, quanto carrega consigo desafios únicos.

O trabalho realizado na escola é vanglorioso quando pensamos que seu projeto fundador demanda aos anos de 1995. Tal condição de mérito ganha mais anuências por pensar a comunidade como horizonte para sua criação. Seu mérito não se encontra apenas na sua história de vinte e oito anos, mas em sua permanência em caráter diferencial em uma região muitas vezes desassistida, desvalorizada em seus aspectos culturais e marginalizada por seu histórico.

Sua importância assina a responsabilidade de carregar em seu nome o mestre responsável por fundamentar o reconhecimento da cerâmica artesanal como elemento cultural do Distrito Administrativo de Icoaraci. Consigo carrega uma gama de mestres estudiosos da arte e abriga em seu corpo de oficinairos com trajetórias diversas, mas que encontraram no artesanato seu traçado de vida.

Valorizar a tradição do artesanato ceramista e pensar a continuidade dos saberes da comunidade fomentam a formação e a fundamentação do projeto. As realidades e as necessidades do

Paracuri se traduziram em demandas abraçadas pela escola, engendrando um ponto favorável ao incentivo da educação praticada, sendo um chamariz à permanência escolar e ao enaltecimento do trabalho exercido pela direção, coordenação pedagógica e pelos mestres ceramistas. Há nos trâmites uma preocupação em transmitir essências formadoras às futuras gerações.

Muito mais do que práticas laborais com argila, as oficinas demonstram cuidado em transmitir essências formadoras às futuras gerações, são minúcias que encontram no contato com o material a ponte para a formação educacional almejada. Para além dos saberes tradicionais, a prática das oficinas com a argila e a cerâmica artesanal expressam potencial em diversos campos do conhecimento, abordam práticas ecológicas, devido ao seu caráter extrativista, exprime potencial matemático por se utilizar de diferentes formas em sua elaboração e demonstra rico conhecimento histórico e geográfico por contar com a força motriz pautada nas diferentes origens da cerâmica e por ter suas matrizes na Comunidade do Paracuri.

Enxergamos como movimentos fundamentais para sobrevivência do projeto em realidades atuais o destino de incentivos maiores a instrumentalização efetiva das oficinas em questões estruturais, mantendo o diálogo entre corpo docente e mestres ceramistas, garantindo maiores seguridades aos oficinairos dentro do espaço escolar.

Tais medidas perpassam por elaborar sua atualização às novas gerações, pondo em destaque o incentivo de uma formação de saberes únicos, abrindo espaço para o diálogo com a comunidade,

atentando e abrindo o leque para a forma e funcionalidade das oficinas hoje, retomando assim a um ponto fundador de sua formação, o diálogo com os aqueles que dela necessitam.

A teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel somaria aos feitos das oficinas caso aplicada a realidade escolar, uma vez que elevaria os aspectos de grande importância local, a cultura da cerâmica cotidiana rodeando os discentes, em casa, no caminho para a escola, na orla aos finais de semana.

Ainda que desafiador e propício a mudanças em sua instrumentalização o projeto oficina desenvolvido pela Escola Liceu Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso apresenta características únicas em uma realidade metropolitana, é valorosa sua conceituação e seu respeito a aspectos culturais próprios da Comunidade do Paracuri e do Distrito de Icoaraci.

Nesse sentido, entendemos a reprodução como a instrumentalização das oficinas de cerâmica, envolta de suas técnicas, prática de modelagem e processos comuns ao meio ceramista. Sendo a produção intrínseca a interpretação do aluno, envolta pela aprendizagem significativa e pelo saber individual pautado na experiência.

Nesse cenário, em um viés geográfico, apontamos o lugar enquanto conceito fundamental para a análise da relação entre escola e comunidade, atuando como uma potência à manutenção do projeto e o seu caráter efetivo no sentido educacional. Extraímos de seus preceitos, uma visão que relaciona favoravelmente a educação e a valorização cultural da arte, tendo a escola como ponto de fluxo entre os saberes tradicionais e a relação afetiva e experiencial com espaço. A ciência geográfica inserida no contexto do projeto

enriqueceria seu conteúdo por trazer à pauta o pensamento do espaço, a formação crítica da sociedade e o entendimento da cultura como transformador social.

Referências

BEZERRA, Marcia. **A urna bordada**: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 15, n. 3, p. 01 - 17, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/VjcZFnQdfVP4qMDYh4nL3bH/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2023.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo**: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cadernos CEDES, 2005, v. 25, n. 66, p. 227-247.

CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. In: MARGARIDA, Marísia; BUITONI, Santiago. **Geografia**: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2010. v. 22, cap. 1, p. 25 - 42.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALCANTI, L. S. **O Ensino de Geografia na Escola**. 1. ed. Papirus Editora, São Paulo, 2012.

CAVALLO, Cristina; LUCK, Esther H. Design e ofícios artesanais na educação. In: **Coleção Empreendedorismo e gestão para professores do ensino médio**. Org.: MORAES, Joysi; MARIANO, Sandra R. H.; CUNHA, Robson M. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

CRISTINA M., Pescador. **Tecnologias Digitais e Ações de Aprendizagem dos Nativos Digitais**. V CINFE, Caxias Do Sul, 2010.

FORD, Raywen. **Apreciação do artesanato e educação infantil.** Revista Pro-posições, vol. 10, nº 3 [30]. Campinas: FE/Unicamp, novembro de 1999.

FRADE, Isabela. **O neo-mar em comunicação.** LOGOS: Comunicação e Artes, Rio de Janeiro, ed. 18, p. 110 - 127, 1º semestre de 2003.

FRAZZON, Lúcia Morosini. Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel. Revista Pedagógica, Chapecó, ed. 3, p. 7 - 32, 1999.

LACOSTE, Y. **Pesquisa e trabalho de campo:** um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, 2006, p. 77-89.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **O lugar como uma construção social.** Revista Formação, [s. l.], ano 14, v. 2, p. 48 - 60, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645/659>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel.** Série Enfoques Teóricos, Porto Alegre, n. 10, p. 151 - 165, 1995.

PRODANOV, C. C; Freitas, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Barbara de. **Bordados, Artesanato e Educação.** Orientador: Ana Angélica Medeiros Albano. 2016. 118 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

TAVARES, Auda Edileusa Piani; FIGUEIREDO, Silvio Lima. Saberes tradicionais e interculturalidade: o fazer cerâmica em Icoaraci, Pará. In: ALMEIDA, Oriana Trindade de; FIGUEIREDO, Sílvia Lima; TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. **Desenvolvimento e Sustentabilidade.** Belém: NAEA, 2012. cap. 7, p. 102 – 115.

TAYANNE CID, Costa. **Manifestações culturais do Pará no cotidiano escolar**: reflexões sobre as práticas educativas dos professores do Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”. Orientador: Cezar Luís Seibt. 2017. 96 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

TUAN, Y. FU. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro. Difel. 1980.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VIEIRA, Eliete de L.; ALVES, Joel M. A.; PONTES Altem N. **O artesanato de Icoaraci**: um estudo sobre os indivíduos envolvidos no comércio de cerâmicas em Belém, Pará, Brasil. Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, 2016.

Submetido em: 15 de setembro de 2023

Devolvido para revisão em: 15 de novembro de 2023

Aprovado em: 24 de novembro de 2023

DOI10.62516/terra_livre.2023.3155

COMO CITAR:

ROCHA LEÃO, J. V.; PAIXÃO FARIAS, W. V. A (Re)produção dos saberes: educação e a cerâmica artesanal do distrito administrativo de Icoaraci, Belém - PA. **Terra Livre**, São Paulo, ano 38, v.1, n. 60, jan-jun 2023, p. 572-610. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3155>. Acesso em: dia/mês/ano.